



MUNDO DISTÓPICO OU CONTEMPORÂNEO: QUEM CUIDA E QUEM SOFRE QUANDO A FICÇÃO DESÁGUA NO REAL?

*¿Mundo distópico o contemporáneo? ¿Quién cuida y quién sufre cuando la ficción
desemboca en lo real?*

Augusto Casoni Quinellato¹

Resumo: A produção discute o conceito de *ficção climática* recém-explicitado em matéria da revista *Pesquisa Fapesp*. Para tanto, duas obras literárias contemporâneas, recém-lançadas, que retratam a cidade de Porto Alegre são mobilizadas: *Dias de Água*, de Luís Dill, e *Falso Lago*, de Carolina Panta. Mostrando a realidade da desigualdade e da falta de valorização de políticas de cuidado, a literatura confronta seus leitores com a necessidade de repensar a sociedade contemporânea, encarando o fato de que esta já se misturou com a distopia há algum tempo.

Palavras-chave: Ficção climática. Distopia. Literatura porto-alegrense.

Resumen: La producción discute el concepto de ficción climática recientemente explicitado en un artículo de la revista *Pesquisa Fapesp*. Para ello, se movilizan dos obras literarias contemporáneas que retratan la ciudad de Porto Alegre: *Días de Agua*, de Luís Dill, y *Falso Lago*, de Carolina Panta. Mostrando la realidad de la desigualdad y la falta de valorización de las políticas de cuidado, la literatura confronta a sus lectores con la necesidad de repensar la sociedad contemporánea, asumiendo el hecho de que esta ya se ha mezclado con la distopía hace algún tiempo.

Palabras clave: Ficción climática. Distopía. Literatura portoalegrense.

Introdução

Pensando na recente e pertinente caracterização da revista *Pesquisa Fapesp* sobre o conceito de *ficção climática* como um gênero caracterizado, muitas vezes, pela distopia, esta produção traz a seu escopo dois romances recém-publicados na cidade de Porto Alegre — estância atual de catástrofes que poderiam compor o enredo de qualquer produção distópica, mas que, na verdade, é apenas uma das capitais do país mais atingidas por tragédias climáticas na contemporaneidade.

Os romances *Dias de Água* e *Falso Lago* demonstram, em suas tramas e personagens, que a *ficção climática* pode muito bem ser construída com uma escrita extremamente realista e marcada por arquétipos que estão presentes nas dinâmicas sociais mais comuns. O que se

¹ Mestrando em Estudos de Literatura no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou mobilidade acadêmica na Universidad Nacional de La Plata (UNLP), na Argentina, pelo programa de mobilidade acadêmica “Campus Internacional” da UFRGS, realizado pela Secretaria de Relações Internacionais (Relinter). Atuou em Pesquisa de Iniciação Científica na área de ensino de literatura brasileira na educação básica no Colégio de Aplicação da UFRGS, com bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Começou a carreira em letras participando do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

mostra pertinente, para o gênero, parece ser a responsabilidade humana frente ao pano de fundo incorporado pelos desastres; já para a sociedade leitora e receptora das obras, a pertinência está na confabulação sobre um novo contexto social em que as desigualdades sejam dirimidas e em que o trabalho de cuidado com os mais afetados seja valorizado e repensado.

As tragédias climáticas já saíram do campo da distopia há alguns anos. Não passam, atualmente, da mais brutal e cruel realidade.

1 Ficção Climática — distopia?

Em março de 2026, a revista *Pesquisa Fapesp* publicou um artigo intitulado “Recados do presente e do futuro”, mas que pode ser encontrado virtualmente com o nome “Ficção climática discute crise ambiental e novas formas de relação com a natureza”, assinado por Ana Beatriz Rangel, que discute, contextualiza e exemplifica o conceito que dá nome ao artigo: *ficção climática*.

Segundo o texto, a noção de *ficção climática* enquadra obras que apresentam problemas ambientais graves como dispositivos centrais de suas tramas, para ser mais exato, a matéria traz a perspectiva da escritora Ana Rüsche que alega que as obras encaixadas neste gênero são as que abordam “os efeitos das mudanças climáticas e a responsabilidade humana diante das catástrofes ambientais” (Rangel, 2026). Essa ênfase na responsabilidade humana leva à discussão do conceito de Antropoceno, importante para o gênero, pois parece não bastar a centralidade do conflito climático — já que a literatura desde sempre tratou de catástrofes naturais, conforme a matéria indica — seria preciso que a ação humana se mostrasse como responsável pela calamidade em evidência, ou como responsável frente às suas consequências.

Ao final do texto, há ainda uma fala de Rüsche sobre a característica distópica ou utópica das produções enquadradas no gênero. Para ela, “as obras mais interessantes, como ‘A extinção das abelhas’, mesclam distopia e utopia e conseguem imaginar outras formas de viver no planeta quando a vida como conhecemos colapsar” (Rangel, 2026).

Destaco, aqui, o termo distopia. Segundo Pereira (2018):

O termo distopia foi utilizado pela primeira vez pelo filósofo John Stuart Mill em uma de suas falas no parlamento inglês no ano de 1868; o conceito, porém, só ganhou certo destaque no século XX. O conceito hoje representa um gênero essencialmente arraigado na sociedade, e dentre suas características mais marcantes

estão a discussão de valores éticos ou morais e a denúncia de suas possíveis deturpações. Para este efeito, as distopias criam uma sociedade atroz, em que os indivíduos que ali coexistem carecem de direitos básicos; e, no universo da obra ficcional, estas prerrogativas são consideradas essenciais para o que se entende por condição humana (p. 224).

Parece-me especial este comentário final da revista por sinalizar uma ligação entre o gênero e a distopia, como se a ideia de crise climática ainda estivesse alheia à nossa realidade e fizesse parte desta outra, criada, ou então, como se o “colapso”, como citado no parágrafo final da matéria, causado pelas catástrofes, ainda estivesse por vir, “quando a vida como conhecemos colapsar”. A oração utiliza os termos “nós” e “quando”; pois bem, quem seria o “nós”? E a partir de que momento poderemos vislumbrar este “quando”?

Já sobre o “onde”, não citado, permito-me uma especulação, ainda que não definitiva. Este “onde” se encaixa bem na cidade de Porto Alegre. Não por acaso, uma das obras citadas, e que parece ser o exemplo mais recorrente, é de uma escritora gaúcha que morou na capital do estado: *A extinção das Abelhas* (2021) de Natalia Borges Polesso.

Para esta produção, procuro analisar enquanto *ficções climáticas* outras duas obras, estas mais específicas e certamente radicadas em Porto Alegre: *Falso Lago*, de Carolina Panta, e *Dias de Água*, de Luís Dill. A realidade porto-alegrense tem muito o que dizer sobre as lacunas que o parágrafo final da matéria deixa. Se as ficções climáticas são aquelas que trazem as catástrofes como dispositivos centrais para seus enredos, estas tramas devem ser observadas como tais, mas também é a partir de suas análises que “distopia e utopia” transformam-se em características discutíveis. Isto porque, no caso de *Falso Lago*, temos uma narrativa realista e de trama contemporânea à publicação, em 2023; em *Dias de Água* (2021), recorreremos ao passado da cidade para observar a catástrofe da enchente de 1941. Nenhuma delas trata de realidade alheia, inventada ou futurista; pelo contrário, são retratos de realidades do passado e do presente de nossos tempos e espaços.

2 Dias de Água, enchente e classes afetadas

Dias de Água, romance de Luís Dill, publicado em 2021, volta 80 anos no tempo para narrar as tragédias e os suspenses vividos por vários grupos de personagens na Porto Alegre de 1941, justamente durante um acontecimento muito relevante para a história da cidade: a grande enchente que inundou boa parte da capital do estado do Rio Grande do Sul naquele ano.

Através de um narrador fluido que nos relata as consciências de todos os personagens a todo momento, são apresentadas descrições entrecortadas de diversos núcleos. Cabe ao leitor juntar as peças das diversas tramas em andamento para montar um mapeamento dos fatos. Com o passar dos capítulos, descobrimos parentescos, características, relações, condições sociais e ambiência de cada personagem. Todos estes aspectos só são elucidados ao leitor graças à ajuda dos cruzamentos eventuais das tramas, concatenados por esse narrador onisciente.

Não é por acaso que as tramas se conectam; além da cidade, cenário e talvez verdadeira narradora do texto, o pano de fundo comum em que se dão os acontecimentos é o contexto de urgência, incerteza e medo causado pela constância da chuva e do mau tempo na capital. Todas as personagens terão que lidar, cada uma à sua maneira e de acordo com as possibilidades de suas condições de vida, com a iminência da tragédia que despenca em forma líquida.

As tramas que mais se destacam são duas: a da família Gottip e da família Campos de Azevedo. Leopoldo Gottip, empresário e filho do médico alemão Werno Gottip, assassina sua esposa Doroti ao surpreendê-la com seu amante, Augusto Moziscka, em sua casa. Os investigadores da polícia convocam Leopoldo e sua empregada Delfina para prestarem depoimento — instaura-se uma trama policial. A segunda trama de maior destaque é a do juiz Theodomiro Campos de Azevedo, um renomado funcionário público, de família consolidada, com esposa e dois filhos, que vive um romance tórrido com a jovem Paulina Lang, moradora do mesmo prédio em que Theodomiro aluga um quarto para ser uma espécie de escritório, onde se dão seus encontros com Paulina — uma tradicional trama de triângulo amoroso.

A parte da cidade que mais aparece no romance é o Centro, bairro de Porto Alegre hoje em dia conhecido como Centro Histórico. Ruas como Doutor Flores, Espírito Santo, Duque de Caxias, Uruguay, Paysandu, Coronel Vicente, Voluntários, Farrapos, Andradas e Independência são os logradouros de escritórios, casas, pensões e sobrados onde os personagens habitam e os quais frequentam. Boa parte da locomoção pelos meandros do Centro é feita mesmo a pé, pela maioria dos personagens, devido à proximidade de todas essas localidades. No entanto, também há menções aos famosos e tradicionais bondes da cidade. Automóveis são citados e o trânsito é causado por carroças (outro tipo de veículo, para além dos automóveis), mas apenas algumas personagens, de classe social mais abastada, têm acesso a estes meios de locomoção mais ágeis.

As classes sociais são relativamente bem demarcadas e entrecortadas por características de gênero e cor de pele. Faço aqui uma divisão em 3 categorias a fim de realizar uma breve organização e categorização dos muitos tipos apresentados: classe alta estabelecida, possíveis emergentes e classe baixa estagnada.

Na classe alta estabelecida se encontram a família dos Campos de Azevedo, representada, principalmente pelo juiz Theodomiro, que ilustra uma elite do funcionalismo público; a família Gottip, cujo patriarca, Werno, é médico e o filho, Leopoldo, é dono de uma empresa; Hilário Silva, sócio de uma empresa de seguros e Oskar Schonwald, químico alemão de passagem pelo Brasil representante dos interesses do partido nazista; todos eles homens brancos, alguns de origem europeia. Sua alta posição social se justifica, provavelmente, pela origem ou pelo acúmulo de capital da família, talvez a exceção sendo Hilário, sobre quem não sabemos muito do passado.

Enquanto possíveis emergentes temos: Augusto Moziscka, pianista, frequentador de encontros da elite e amigo de Hilário; Alfonso Argenta, advogado arrivista, que, apesar de ter origem humilde, se abstém de qualquer valor moral para buscar ascensão social e fortuna; Tarquício e Thalia, o delegado e sua esposa que parecem possuir padrão de vida relativamente estável, apesar da ausência de luxos; Lourival de Lemos e Lara, um jornalista sensacionalista e sua namorada; Moysés e Neide Ibaiguren, fotógrafo e sua esposa; Adalmira e Paulina Lang, mãe e filha, sendo a primeira herdeira de um imóvel de um homem rico com quem teve um caso e a segunda amante do juiz Theodomiro. Nesta categoria, fica bem demarcado como as mulheres, em sua maioria, não têm ocupações para além das domésticas. Elas são apresentadas como esposas ou amantes, e ainda que estejam sozinhas, como é o caso da viúva Juracy Decourt, que vive de alugar os quartos de sua pensão, só conseguem se manter devido àquilo que lhes foi deixado por seus maridos, caso de Juracy, ou por amantes, como é o caso de Adalmira.

Já na classe baixa estão Delfina e Alpheu. A mãe é empregada doméstica da família Gottip, e o filho, ex-jogador de pouco sucesso, trabalha como cobrador de agiota; ambos provavelmente negros ou mulatos, o que nos é sugerido pela maneira como a família nazista se refere a eles. Madame Lubianka e sua mãe: vidente negra, moradora da Colônia Africana, cuja única ocupação e forma de sustento é explorar seus dons sobrenaturais de premonição futura e passada.

A tragédia da enchente impacta diferentemente cada personagem. As classes altas praticamente não sofrem. Habitando bairros mais altos e mais bem localizados, ainda são

capazes de oferecer ajuda e abrigar algumas famílias de flagelados, como é o caso dos Campos de Azevedo, que se disponibilizam a receber uma família que foi vítima do alagamento. Sobram condições para disponibilizar alguma ajuda aos Bernsmüller, que “escaparam com a roupa do corpo e uns poucos mantimentos” (Dill, 2021, p. 163). Os problemas da nobre família parecem estar muito mais nas questões morais e de violência que abalam os núcleos familiares. Theodomiro será chantageado por um ex-colega de sua amante Paulina, por exemplo. Esta trama ocupa quase todas as aparições do personagem durante a narrativa. O juiz poucas vezes se mostra preocupado com a aproximação da calamidade da enchente, sua verdadeira preocupação parece ser apenas uma: a descoberta de sua infidelidade. Nem mesmo a preocupação de sua esposa, Andradina, com sua filha o desperta do isolamento mental que o faz passar despercebido pelas notícias graves do cotidiano:

Na cama, Andradina largou o livro e comentou com o marido que haviam muitos flagelados. Theodomiro folheava o *Correio do Povo*, concordou. Então, ela afirmou que Elsa andava muito estranha desde ontem. Ele se fixou nas notícias da guerra. Disse ser coisa da idade (Dill, 2021, p. 115).

Os emergentes são afetados de formas diferentes. Os Ibaiguren têm situação incerta quanto à possibilidade de serem atingidos pelas águas e prejudicados materialmente. A situação fica mais clara em um diálogo do casal:

— Não ficaremos sem o que comer — ele reforçou.
— Tem muita gente ajudando, distribuem víveres nos postos de socorro no Centro. Amanhã cedo vou lá ver isso.
— E se a água chegar aqui?
— Vamos ficar num quartel ou numa escola.
— E as nossas coisas?
— Isso é o de menos — ele tateou o corpo dela no escuro até encontrar e acariciar o rosto da esposa.
— É verdade que já tem cinquenta mil flagelados?
— Ninguém sabe bem. Trinta e cinco, quarenta mil.
— Pararam os bondes no Centro? Só barco? O vizinho falou e achei exagero.
— Barco só perto do Guaíba — ele desconversou. — Não te preocupa. Se for preciso, ficamos em hotel.
— E esse dinheiro?
Moysés Ibaiguren segurou a risadinha.
— Fiz malabarismo — cochichou (Dill, 2021, p. 183).

Tarquício e sua esposa aparentemente logram sucesso escapando das águas por um fio; Alfonso não é diretamente afetado, Lourival tampouco; a viúva Juracy parece ter sofrido os maiores danos materiais já que sua moradia também é sua fonte de renda. No relato sobre a condição em que ficou sua casa, encontramos o momento de narração mais detalhista sobre os estragos causados pelo alagamento:

A porta de entrada do sobrado da viúva Juracy Decourt já não fechava. A madeira dos marcos tinha estufado. O cheiro de esgoto dentro da casa era sólido, agredia os

sentidos. Era como se, por algum motivo sinistro, todas as fossas da rua tivessem se rompido e liberado os dejetos no interior de sua residência. Sentada nos degraus, com toco de vela, viu o nível da água subir outro palmo, aproximava-se do meio da escada. Suspirou. Não dormia nem tinha fome. Olhava em volta sem esperanças ou expectativas. Era grata a Deus por seu marido não presenciar a tragédia. Vou me afogar na merda, conformava-se (Dill, 2021, p. 184).

Já a classe mais baixa é extremamente afetada. Lubianka tem sua casa inundada, mas, com as últimas clientes, parece ter esperança de um melhor momento financeiro. Delfina e Alpheu terminam o romance extremamente afetados. Perderam a casa e estão abrigados no Instituto de Educação, em um hospital improvisado. Sua segurança material está totalmente comprometida, pois a mãe foi demitida e o filho, que tem o joelho muito prejudicado e que acaba de ter sido esfaqueado em uma cobrança mal executada, está sem condições físicas de exercer sua ocupação, que já era irregular.

Chegaram ao Instituto de Educação. O prédio havia sido transformado em hospital dedicado a atender os flagelados. A enfermeira baixinha e muito prestativa os encaminhou até a sala de suturas depois de ouvir o relato de Delfina Teixeira a respeito dos cortes e da febre persistente do filho. A despeito do seu tamanho, Touro Alpheu foi conduzido pela enfermeira como se fosse criança. Ela quis ver os cortes. Ele precisou da ajuda da mãe na hora de tirar o casaco e a camisa. Os locais onde fora aplicado iodo manchavam a pele negra. Eram quatro pontos, todos nítidos. Três nas costas, na altura dos rins [...] (Dill, 2021, p. 194).

É impossível não entrever forte teor pessimista em toda a narrativa de *Dias de Água*. A cidade de Porto Alegre retratada é cheia de figuras amorais, desprovidas de senso de bem comum, em sua maioria. Boa parte dos personagens está profundamente mergulhada em seus próprios interesses, geralmente relacionados à ambição de ganhos materiais (como é o caso de Alfonso Argenta, Lourival de Lemos e Adalmira Lang) ou em seus desejos luxuriosos (Theodomiro e Paulina, Lara, Elsa, Hilário, Doroti, Augusto). Aqueles que não se encaixam nesses desejos e ambições buscam praticar ações contestáveis moralmente para poder atingir melhores condições de sobrevivência. Lubianka parece estar disposta a se comprometer com um grupo de mulheres da alta sociedade que não demonstram boas intenções, Delfina tenta furtar seus patrões e está disposta a não denunciar Leopoldo por medo, Alpheu é cobrador de um agiota, Moysés vende fotos de cadáveres para satisfazer o fetiche sinistro de Alfonso, isso quando não são retratados personagens explicitamente criminosos como Oskar Schonwald, um nazista declarado, e Leopoldo, que além de nazista é homicida. Fica latente o sentido bíblico do dilúvio de “limpar a terra” de toda esta impureza da existência humana, algo que é, inclusive, mencionado pela mãe de Lubianka em tom de brincadeira quando se refere a sua idade — estava muito velha, mas não imaginava ver o dilúvio.

No entanto, o que poderia se encaminhar para um final apocalíptico, na verdade vai se acomodando na precariedade do espaço urbano. A cidade, descrita pelo alemão, Oskar Schonwald como horrível, sobrevive à enchente, apesar das incertezas sobre seu futuro estrutural. Os personagens chegam a questionar se o Mercado Público resistiria aos estragos, e vemos, ao nos aproximarmos do final da narrativa, as águas baixando novamente. O assassinato do casal, cometido por Leopoldo, fica sem conclusão; o assassinato da esposa do padeiro José Almirando, também, apesar da morte do feminicida; os amantes Theodomiro e Paulina devem enfrentar a incerteza de uma futura gravidez; Alfonso e seu fetiche abominável de necrofilia parecem apenas ganhar mais espaço e importância; Oskar, ao que parece, escapa e muito provavelmente Leopoldo será inocentado por sua influência na mídia local e capacidade de articulação política. Assim como as águas, os crimes e imoralidades seguiram seu curso, passaram praticamente impunes, pouco mudou ou foi feito para enfrentar suas consequências.

3 Falso Lago — como é e para quem fica o trabalho de cuidado?

Já em *Falso Lago* (2023), Carolina Panta também constrói uma trama em que a cidade de Porto Alegre e suas mazelas têm papel relevante. O enredo desenvolve os acontecimentos da vida de Luciana, assistente social, filha adotiva que mora com seu pai e seu filho, mãe solo, que precisa conciliar desemprego, cuidados familiares, uma reconstrução como assistente social a serviço da prefeitura, e crises de ansiedade, com os sintomas da cidade e suas desigualdades. A trama tem início em um dia de intensas chuvas em que Luciana, em um raro momento em que está sozinha em casa à noite, acompanha, pela janela de seu apartamento, o sofrimento de Cláudia, uma moradora de rua de seu bairro, com as chuvas torrenciais de mais um temporal que cai sobre Porto Alegre. Seu novo trabalho e os novos acontecimentos de sua vida estão entrelaçados com as consequências dos temporais. É fundamental notar durante a narrativa que os grandes destaques do romance são as personagens femininas e os papéis de cuidado que elas ocupam em diferentes âmbitos.

Não só Luciana, a narradora em primeira pessoa, lida com o cuidado de sua própria família e da família das vítimas das enchentes nas ilhas. Na obra, somos apresentados a inúmeras personagens femininas que compartilharão suas histórias de cuidado ou falta dele ou falha em desempenhar este papel.

Além de Luciana, podemos citar Gisela, sua chefe, definida pela protagonista como “barata cascuda”, baixinha e atarracada, responsável pelo grupo de trabalho da prefeitura que lida com as vítimas dos alagamentos e com um setor dos atendimentos da área de serviço social; Dona Lelé, moradora de uma das ilhas de Porto Alegre, avó de muitos netos e que cuida de todos eles sozinha, pois sua filha está presa, e cuja família será responsabilidade de Luciana por um período; Alice, ex-namorada de Paulo, o motorista que trabalha com Luciana, abandonada por ele grávida, ainda quando era muito adolescente; a filha de Paulo, também abandonada pelo motorista desde antes do nascimento, reencontrada pelo pai já adulta, trabalhando como enfermeira (um trabalho em cujo cuidado é elemento central); Lúcia, mãe adotiva de Luciana, que morre de câncer, caracterizada, pela narradora ressentida, como apenas capaz de “gerar a morte”, pecha que lhe atribuía já que Lúcia não era sua mãe biológica, tendo optado por adotá-la após haver sofrido três abortos; Cláudia, desabrigada, moradora da rua de Luciana, e sua “cadela de tetas inchadas”, ambas representantes da negligência que pode acometer mulheres que não se adaptam a seus papéis tradicionais como cuidadoras; Janaína, mulher que foi expulsa das ilhas mas voltou após não conseguir moradia em Eldorado do Sul, cujos filhos são presenteados por Luciana, num gesto de caridade mal planejado que acarretará em ressentimento da própria protagonista; Dona Almerinda, idosa, moradora antiga das ilhas que vive de caridade e se configura como uma figura materna para Luciana, uma espécie de arquétipo muito importante, seja pela presença ou pela falta dele em sua vida.

Apesar de diversos, os papéis desempenhados pelas mulheres apresentam alguns aspectos que os aproximam. Quase todas as personagens femininas possuem histórico de dificuldade com relacionamentos ou sofrem as consequências deles. Luciana, Janaína, Alice, Almerinda e a filha de Dona Lelé, Flávia, apenas mencionada pela mãe, engravidaram e foram abandonadas por seus companheiros. A exceção é Lúcia, mãe adotiva de Luciana. Em seu caso, a consequência que tem de enfrentar é a incapacidade de gerar filhos.

Luciana viveu um romance com um professor de sua graduação que era casado e resolveu assumir a gravidez, resultado do relacionamento, sozinha, devido à inércia do homem. Decide criar o menino apenas com a ajuda de seu pai:

Só na faculdade comecei a me relacionar profundo com alguém. Duas ou três colegas, não mais. Até conhecer o pai do guri. Não era bonito, mas era um sujeito interessante. Eu nunca tinha visto um homem sorrir com delicadeza. E os óculos afinavam ainda mais o olhar de passarinho.

O pai pagava minhas despesas, bancava os gastos com a faculdade. Quando eu engravidei no ano seguinte, na hora ele nem me perguntou de quem era. Ainda bem, eu não teria dito que a minha criança era filha do professor universitário com quem

eu mantive alguns meses de relacionamento mesmo que ele fosse casado. Não importava, o bebê seria nosso, meu e do meu pai (Panta, 2023, p. 43).

Janaína tem sua história diretamente marcada pelas enchentes e são muito presentes em seu relato as diferentes relações de cuidado de que necessita. O cuidado público falhou em lhe prover moradia e vida digna, por isso o papel de sua família (principalmente das mulheres de sua família) é tão relevante:

— Aqui ainda tão as casas no limite de onde expulsaram todo mundo. Muita criança quase sem roupa, muito buraco e muito pó. E quando não é pó, é lama. É água que sobe em questão de minuto, mulher. Março agora é sempre de chuva, pobre das crianças, sempre tudo doente do pulmão. Eu mesma, Janaína, **me deram alguns mil reais pra eu construir uma coisa lá em Eldorado do Sul**, que é pra onde mandaram quase todo mundo. Mas eu não queria, não. Minha mãe não foi desapropriada, e eu ia ficar sozinha com as quatro crianças longe dela e do colégio deles. Eu queria aquele condomínio do minha casa minha vida que tinham prometido lá no sul da ilha quando **começaram a nos iludir com essas coisas de apartamento próprio com o nome da gente na escritura**. Já imaginou, um prédio alto, sequinho, sem mofo e com meu nome. Era de se iludir mesmo, mulher. Os pilares do monstrão continuam ali, cresceram em cima da gente. Uma hora eles conseguem colocar a gente na rua. Quem sabe a gente vai morar embaixo dessa ponte aí, no lugar mesmo onde antes era a nossa casa. **Me expulsaram com promessa cheia de esperança e mandaram pra Eldorado, não consegui nem terreno, tudo era longe e eu não conhecia nada. Gastei tudo tentando comprar uma pecinha lá, mas me passaram pra trás**. Aí eu voltei, tô aqui de novo. Graças a Deus consegui sair da casa da minha mãe agora. **Já imaginou, eu sozinha em Eldorado do Sul, sem a minha mãe, sem a escola das crianças, sem a ajuda da entidade aqui das ilhas, mulher? Como é que eu ia me virar, só Deus sabe mesmo**. Nem sei não se posso entrar nesse seu benefício da enchente, eu cheguei depois que alagou, voltei com criança e umas roupas de baixo do braço, e nem se compara a trabalhar com reciclagem aqui também, lá em Eldorado é cidade pequena, nem se compara não. Longe de Porto Alegre não dá (Panta, 2023, p. 83-84, grifo nosso).

O relato de Janaína é muito marcante para Luciana. A protagonista se compadece com o destino dela, ao mesmo tempo que parece enxergar na mulher uma certa irresponsabilidade com a maternidade, o que lhe causa incômodo. A maternidade e seus supostos deveres são conceitos problemáticos para Luciana. Ela cumpre com muito afincado sua responsabilidade de prover cuidado material: ajuda a sustentar a casa onde mora com seu pai e seu filho com seu trabalho, cozinha para os dois em todas as refeições e faz o possível para ajudar seu filho com as matérias da escola (constantemente mencionadas). No entanto, demonstra um cansaço enorme em ocupar a figura de mãe: tem constantes discussões com o filho, se mostra relapsa com as relações do menino e, já na segunda metade da trama, incapaz de lidar com a complexidade de ter encontrado o adolescente passando mal no banheiro da casa de um amigo após ter ingerido álcool. Luciana sai de sua casa e resolve passar alguns dias com a família de Dona Lelé nas ilhas. Apesar da situação precária do local, como a avó tinha sido internada por

ter tido um derrame, Luciana resolve se responsabilizar pelos netos de Lelé, cuidando deles como filhos, como se só fosse capaz de ocupar com tranquilidade o lugar de maternidade em uma família que não fosse a sua. É neste momento que a figura de Janaína retorna, causando tormento. Em uma noite, Luciana vai para o Bar do Seu Esteves, comerciante da ilha, e encontra Janaína. Após ficar encarando a moradora das ilhas enquanto ela se divertia com um companheiro, Janaína se mostra incomodada e confronta Luciana, questionando-a justamente quanto a suas funções enquanto mãe e responsável pela sua família e pela família de outros:

— Que que é, Luciana? Nunca me viu? Sai pra lá, mulher!

Tentei disfarçar, mas Janaína deve ter ouvido pelos meus olhos cada um dos pensamentos.

Tudo o que Janaína seguiu me dizendo a duas mesas de distância foi duro e verdadeiro. Começou perguntando se eu não tinha nada melhor para fazer, **se eu não tinha família e o que eu tava fazendo ali de mutuca em todo mundo. Queria tirar as crianças dela, era isso que eu queria? Porque sabia que as da dona Lelé, coitada, já estavam sob a minha tutela.** E que que eu queria ali, uma mulher de fora, com cara de gente que vem de mansinho e que acaba dizendo que ali se come lixo. Gente que só aparece pra se alimentar da desgraça dos outros. Devia era ser enviada daquele pessoal que mandou todo mundo embora, que destruiu família, biblioteca, casa comunitária. Que tirou os trabalhadores do galpão, que disse que daria casa e só trouxe derrota. Eu era igualzinha a eles, as suas camisas de botão, as suas promessas de casa quentinha longe da água. **Eu era só mais uma que passaria por ali pensando ser a solução ou achando que sua ajuda era totalmente necessária.**

A gente só aceita porque é pobre, Luciana. Mas quem dá a miséria pra gente são vocês. O mesmo que dá o pão tira o resto. Vocês tudo seguem achando que a gente come resto de comida de porco. Mas se tem dia que a gente precisa comer do lixo, a culpa é de vocês (Panta, 2023, p. 148, grifo nosso).

Depois deste embate, Luciana terá uma espécie de epifania. Após se embrenhar pelo matagal nas ilhas, embriagada e no meio de outro temporal, a narradora tem uma espécie de sonho ou delírio que estrutura muitos de seus traumas com a maternidade: sua mãe desconhecida, sua mãe adotiva, seu pai adotivo que fez o papel de mãe após o falecimento da mãe adotiva e sua própria maternidade:

Por detrás de uma árvore, vi minha mãe me parindo escondida enquanto gritava seu ódio por mim sem saber se me largaria na lixeira ou no meio do mato. Vi Lúcia dando maços de dinheiro à lavadeira da tia para ficar com a menina que não sabia falar. Vi algo em minha mãe que não enxergava se era suor do trabalho ou tristeza quando Lúcia me tirou das mãos dela e mandou que eu acenasse.

Vi minhas unhas de criança roídas até tirar sangue nos muitos quilômetros de estrada entre a cidade do interior e a capital. Tão pequena, assustada como os vira-latas que circundavam a minha casa, a minha outra casa, a casa da qual eu já não lembrava mais. A casa dos gritos de homem, de criança, de mulher. Das surras, da pouca comida. Mas, ainda assim, uma casa.

Penduradas em um maricá de flores brancas, vi as mãos fortes e manchadas de sangue em cada sulco e por dentro de digitais. Mãos que não sabiam como me vestir, que não eram capazes de escovar meus cabelos por parecerem maiores que a própria escova. Mãos que com o tempo passaram a cerzir vestidos sem delicadeza, a preparar bolos batumados. Mãos que me trouxeram carinho como quem manuseia paleta de boi. Mas, ainda assim, mãos de um pai.

Em um campo de pasto, estava deitada em gozo nas noites de muitos amantes e amores banais. Me vi enredada no pescoço do homem de aparência mais velha. Senti coice no útero quando se formou a cena de uma universitária cheia de espinhos na cama redonda de motel. Não vai doer nada, guriuzinha, eu te amo, não vai doer nada. O que ele não sabia é que eu não me importava com a dor (Panta, 2023, p. 140).

Após esta crise, Luciana acorda na casa de Almerinda, sob seus cuidados. É no diálogo com a simpática, atenciosa e solitária senhorinha que Luciana encontra algum conforto no conceito de maternidade. Ao sentir-se cuidada, talvez pela primeira vez, por uma figura feminina, a narradora aceita o cuidado e vislumbra a maternidade com bons olhos.

No entanto, outras personagens do romance não são ligadas diretamente à maternidade, apesar de manterem relações com o cuidado e sua falta, como é o caso de Gisela e Cláudia, por exemplo. Cláudia compartilha o aspecto de abandono que sentem as mulheres que criaram seus filhos sozinhas, mas no caso de Cláudia, esse abandono é completo e absoluto e é da sociedade para com ela. Gisela ocupa uma posição peculiar em relação às demais mulheres da trama. Torna-se uma espécie de antagonista da narradora, é extremamente segura de sua suposta capacidade, o que a torna arrogante aos olhos de Luciana, mas parece representar um discurso social muito higienista, enxerga os moradores das ilhas quase como animais: “Lamentou os números, era uma mazela social, *mas como lidar com essa gente? Tantos já virados em bichos*” (Panta, 2023, p. 75). Ela é a coordenadora da equipe municipal, mas que rejeita seu papel de prestar assistência, ao menos para determinada parcela da população.

O trabalho de cuidado, constantemente discutido pela trama de *Falso Lago*, também aparece (e desaparece) na relação do Guaíba com a população da capital gaúcha. Apesar de esquecidas, as ilhas são parte da cidade de Porto Alegre; o esquecimento das ilhas como parte da metrópole fica latente na conversa entre Luciana e um dos netos de Dona Lelé quando mencionam a possibilidade de revelar uma foto que tiraram: “— Ah, Kauã, mas isso demora. Tem que revelar em Porto Alegre. — Mas tia, aqui é Porto Alegre” (Panta, 2023, p. 88).

O Guaíba, que banha as margens de Porto Alegre, de certa forma mantém uma relação com a população das ilhas muito comparável à relação de maternidade discutida no romance. É ele que provê o sustento das famílias a partir da pesca, principalmente, mas também dele surgem os danos sofridos por essa população quando há fortes chuvas. Luciana é uma representação dessa ambiguidade materna. Em sua relação com o filho, seu cuidado e carinho

Mundo distópico ou contemporâneo: quem cuida e quem sofre quando a ficção deságua no real?

por ele é intenso e cansativo, da mesma forma que as brigas e discussões com o guri, cujo nome só é mencionado pela mãe nos capítulos finais: Michael.

Por fim, outra relação trazida à tona pelo romance é a das instituições públicas com as populações marginalizadas. Aqui fica muito clara a ausência de uma parte muito importante dessa espécie de relação materna: o cuidado. Ainda quando os grupos de suporte se mobilizam, como é o caso daquele em que trabalha Luciana, tudo está apoiado em uma frágil intenção de propaganda, e a verdadeira relação de carinho e preocupação que o cuidado pressupõe fica totalmente esvaziada. Já ao final da obra, concluem-se assim os trabalhos do grupo:

Era 28 de setembro. O conglomerado jornalístico dava uma manchete sobre a falta de novas verbas para a assistência social. Não aguentei e cliquei por curiosidade, mas sem que o pai e o guri vissem sobre o que se tratava, eles queriam saber informações do futebol de logo mais. Em entrevista coletiva, o prefeito pedia compreensão à população, mas outras pautas se mostravam necessárias. Em aspas no texto, lamentava profundamente, mas alguns projetos demorariam mais a sair do papel, já que os vereadores não aprovaram o orçamento emergencial. Dona Barata vestia um terno sóbrio pousada ao seu lado na foto. E fazia uma cara de decepção e olhos molhados tal qual a coach ensinou (Panta, 2023, p. 166 - 167).

Considerações finais

Vejo, primeiramente, como ambas as obras analisadas contestam um elemento importante do artigo da revista *Pesquisa Fapesp*: a distopia como característica relevante das ficções climáticas. Se podemos enquadrar *Dias de Água* e *Falso Lago* como expoentes deste gênero, fica claro que fenômenos climáticos não são maquinações de realidades alternativas à nossa, pelo contrário, já estão presentes tanto em nosso imaginário, quanto em nossa realidade. Os livros, publicados, respectivamente, em 2021 e 2023, precederam a maior tragédia da história do estado do Rio Grande do Sul: as enchentes de maio de 2024. Premonições? Presságios? Difícil afirmar, mas a própria obra de Luís Dill, por exemplo, já mostra como a relação de Porto Alegre com o Guaíba nunca foi muito harmoniosa; a enchente de 1941 era, até então, a maior, mas não a única sofrida pela população da cidade. Matérias publicadas na última tragédia gaúcha recuperam o histórico traumático dos porto-alegrenses com as chuvas, como ilustra este trecho de uma reportagem do portal *Esquerda Online*, em maio de 2024, enquanto a tragédia ainda não tinha terminado:

[...] Antes do episódio de 1941, em 1928 e 1936 por exemplo, e após a maior enchente do século XX, outras enchentes também marcaram a nossa história. Algumas até mesmo nos mesmos meses. Abril de 1959, setembro de 1967, julho de 1983, outubro de 1997, julho de 2015, setembro de 2023, novembro de 2023 e,

finalmente, abril e maio de 2024. Estes, são apenas alguns dos maiores casos já registrados no Estado (Valente, 2024).

Enquanto a cidade e o estado sofrem, há décadas, com os “rios grandes”, no poder público, seja ele estatal, federal ou municipal, persiste a incapacidade de tomar medidas efetivas, não apenas de combate ou prevenção às catástrofes climáticas, mas, principalmente, de proteção, restabelecimento ou cuidado em relação às populações atingidas por elas. As populações das ilhas, muito bem retratadas na segunda obra analisada, são o maior exemplo da total inércia ou da indiferença das autoridades quanto ao risco climático de habitar os arredores de um lago/rio imponente como o Guaíba.

Na obra de Dill, a desigualdade social se destaca como fator diferencial nestes momentos de calamidade. Fatores presentes há 80 anos, continuam determinando, da mesmíssima maneira, as populações mais e menos atingidas. Já *Falso Lago* traz a reflexão não apenas sobre a desigualdade social, mas também sobre a capacidade que temos, enquanto indivíduos e enquanto sociedade, de cuidar dos menos favorecidos (ou desfavorecidos). Carolina Panta nos mostra, através de seus personagens, como, para pensar políticas públicas de cuidado, precisamos urgentemente discutir com quem fica, geralmente esse papel. Relegar às mulheres, principalmente àquelas que são o verdadeiro e único arrimo de família, o papel, o trabalho, na verdade, de cuidadoras, enquanto os homens nunca se preocupam com ele, resulta em uma sociedade que não vê valor nele. Enquanto “outras pautas” se mostrarem “mais necessárias”, a manutenção da desigualdade e da miséria será perpétua. Talvez, para começar a haver um melhor trabalho no cuidado do poder público com populações carentes, precisamos fazer um melhor trabalho na valorização do que as mulheres já fazem, cotidianamente, em jornada dupla e sem visibilidade em suas rotinas mais corriqueiras.

Quanto à simbologia das enchentes como purificadoras de nossos males, sentido mítico fundado por textos elementares como o bíblico, por exemplo, acredito que *Dias de Água* mostra bem como o dilúvio não é capaz de purificar e, até mesmo, se ele tenha sido capaz de chocar. As impurezas continuam intocadas. A lavagem precisará ser maior e mais forte. Porto Alegre, de costas para o lago/rio que dela cuida e a ameaça, se coloca vulnerável a sofrer por mais outras vezes.

Referências

DILL, Luís. **Dias de Água**. Porto Alegre: Casa 29, 2021.

PANTA, Carolina. **Falso Lago**. Porto Alegre: Zouk, 2023.

PEREIRA, Ânderson Martins. Tendências distópicas no Brasil: a fantasia como possibilidade de lidar com o pesadelo na literatura nacional. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 223-238, 2018. DOI: 10.1590/1517-106X/203223238.

RANGEL, Ana Beatriz. Ficção climática discute crise ambiental e novas formas de relação com a natureza. **Revista Pesquisa Fapesp**, 2026. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ficcao-climatica-discute-crise-ambiental-e-novas-formas-de-relacao-com-a-natureza/>. Acesso em: 13 maio 2026.

VALENTE, Pedro Teixeira. Histórico e prognóstico de enchentes no Rio Grande do Sul. **Esquerda Online**, 2024. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2024/05/21/historico-e-prognostico-de-enchentes-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 15 maio 2026.

Recebido em: 15/05/2026; **Aceito em:** 30/06/2026.